

# ENCONTRO DE COMUNICADORES/AS

DOS TERRITÓRIOS DO PLANO BRASIL SEM MISÉRIA



**Território Agreste Alagoano**  
**30 e 31 de Agosto e 1º de Setembro de 2016**

**Local: Associação dos Agricultores Alternativos - AAGRA**

**Sítio Jacaré - Igaci, AL**

Das coisas que a gente olha  
Mas, só o coração ver  
A lente até registra  
Mas nada pode dizer  
Se ao mirar o olhar  
Não procurar entender.

Uma havaiana surrada  
Foi meu olhar escolher  
Uma sandália feminista  
Mesmo sem se saber ser  
Às marcas de sua dona  
Pude logo perceber.

Na casa em construção  
Um alpendre a acolher  
Um fogão improvisando  
Pra fazer o "de comer"  
Ali! Tudo se revelando  
O trilhar desse viver.

Da mulher que me acolheu  
Com muita coisa a dizer  
Fui colher o que não disse  
Coisas até sem querer  
As trihas do dia-a-dia  
Da mulher que quero ser.

Ela é Aparecida  
E me marcou a valer  
Suas sementes de gente  
Foi em minha'lma bater  
Lá da Lagoa da Pedra  
Quiz dentro de mim trazer.

**Daniela Bento**

## O Evento

Desde 2011, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) atua em parceria com agricultores, técnicos da extensão rural e organizações não-governamentais em projetos que buscam a inclusão produtiva rural em 14 Territórios da Cidadania localizados na região Nordeste e também no norte de Minas Gerais, no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria (PBSM).

E para promover maior aproximação com as comunidades que participam das ações do PBSM, desde 2014, estão sendo realizadas oficinas de comunicação comunitária envolvendo comunicadores/as e educadores/as populares, radialistas de emissoras comunitárias, técnicos/as em extensão rural e jovens do campo.

O objetivo das oficinas é ampliar a compreensão dos atores locais sobre o papel da comunicação para a convivência com o Semiárido. E para isso a Embrapa conta com importantes parcerias como a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), a Associação dos agricultores Alternativos (AAGRA/AL), o Coletivo Macambira (AL), a Sociedade de Apoio Sócio Ambientalista e Cultural (Sasac, SE), a Associação Mão no Arado de Sergipe (Amase, SE), o Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC, SE), e o Instituto Federal de Educação do Ceará (Campus Cariri).

Este é o segundo módulo que será realizado em Igaci (AL) dentro de um programa de formação continuada que se iniciou, em julho de 2015, em Alagoas, e que tem o objetivo de fortalecer a comunicação comunitária nos Territórios da Cidadania e construir uma agenda comum entre os parceiros dessa rede.

## PROGRAMAÇÃO

30 DE AGOSTO	31 DE AGOSTO	1º DE SETEMBRO
09h – <b>Café da Manhã e credenciamento</b>	08h30 – <b>Animação</b> Com músicas, poesias, jogos e dinâmicas.	08h30 – <b>Animação</b> Com músicas, poesias, jogos e dinâmicas.
10h – <b>Acolhida e boas-vindas</b> Acolhida: Bruna Fernandes e Simone Lopes (Macambira), Fernando Lima (MPA), Itamar Peregrino (Amase) e Wanderson (AAGRA) Boas-Vindas: Gleice Mary Gomes e Sr. Ferreira (AAGRA)	09h – <b>O que é sistematização?</b> Coordenação: Fernando Cruz e Ylka Oliveira (Asacom)	09h – <b>Finalização dos trabalhos e devolução dos resultados</b>
11h30 – <b>Contextualizando a caminhada</b> PBSM e a Comunicação Comunitária: Maria Clara (Embrapa) Agroecologia e segurança alimentar nos territórios: Fernando Curado e Edson Diogo (Embrapa)	10h – <b>Oficinas</b> Contaçõ de Histórias de Boletim: Bruna e Simone (Macambira) Literatura de Cordel: Daniela Bento (Sasac) Rádio Poste: Fernando Cruz e Ylka Oliveira (Asacom) Fotografia: Sandreana (Macambira)	12h – <b>Almoço</b>
12h – <b>Acordos de Convivência</b> Gleice Mary Gomes (AAGRA)	12h - <b>Almoço</b>	14h – <b>Debate</b> Como dar continuidade ao processo de formação continuada e à nossa comunicação em rede? Qual o papel de cada parceiro? Mediação: ASA Alagoas/Embrapa
12h30 – <b>Almoço</b>	13h – <b>Vivências nas comunidades</b>	15h – <b>Avaliação do evento e encerramento</b>
14h – <b>Animação</b> Com músicas, poesias jogos e dinâmicas.	15h30 – <b>Retorno e continuação dos trabalhos das oficinas</b>	
14h15 – <b>Motivação 1</b> Roda de conversa “comunicação, comunicar é...”. Mediação: Fernando Curado (Embrapa) e Daniela Bento (Sasac)	18h – <b>Jantar, Noite Cultural</b>	

<p>15h – <b>Experiências/vivências a partir da primeira oficina de comunicação</b> Mediação: Simone Lopes (Macambira)</p>		
<p>16h – <b>Motivação 2</b> Teatro do Oprimido – Os desafios para a comunicação popular (Cena de teatro-fórum) Mediação: Macambira, AAGRA e Itamar Peregrino</p>		
<p>17h – <b>Avaliação do dia, avisos, jantar</b> Momento “rir de si” Mediação: Fernanda Cruz e Ylka Oliveira (Asacom)</p>		

## OFICINA DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO – MÓDULO 2

### 30 DE AGOSTO – PRIMEIRO DIA DE OFICINA

O credenciamento foi um momento também de reencontro, onde saudavam-se uns aos outros. Foi servido um café da manhã com bolos de mandioca e macaxeira, tapioca e frutas. Foram aproximando-se da plenária e a abertura do encontro foi formada uma grande roda, animado/as por Simone onde todos cantaram e cirandaram a musica:

Irá chegar um novo dia.  
Um novo céu, uma nova terra,  
um novo mar.  
E nesse dia, os oprimidos,  
A uma só voz irão cantar.



Mística de Abertura

E foi cantado e recitado poemas, Bruna Fernandes recitou a “Agruras da lata d’água de Jessier Quirino:

...E eu que fui enjeitada  
Só porque era furada.  
Me botaram um pau na boca,  
Sabão grudaram no furo,  
Me obrigaram a levar água  
Muitas vezes pendurada,  
Muitas vezes num jumento.

Em cada fim de estrofe todos dizendo “E tome água e leve água”. Aproveitando a alegria do instante Itamar Peregrino propôs uma dinâmica de apresentação “danada de boa!” dos participantes, onde cada um/a disse seu nome, algo que gosta muito e todos dizendo “é danado de bom”. Em uma breve fala o presidente da AAGRA Sr. Ferreira e a educadora Gleice Mary deram as boas-vindas, na ocasião convidou Maria Clara (Embrapa) para iniciar sua apresentação, expôs enorme alegria de está novamente participando do encontro. Apresenta o Programa Brasil Sem Miséria e faz uma memória do módulo passado da oficina e fala da estratégia da comunicação comunitária apoiando ações para o desenvolvimento local. Uma linha do tempo, com início marcado em 2015.

Neste sentido as organizações tem grande importância para o desenvolvimento do Plano Brasil Sem Miséria, possibilitando que o agricultor, o extensionista e o pesquisador trabalhem juntos.

Na apresentação de Maria Clara Guaraldo ela falou sobre a importância de uma comunicação horizontal, onde diferentes atores participam. A comunicação para o desenvolvimento comunitário, se descobre e se apropria dessa comunicação que cabe uma diversidade de pessoas e grupos. Neste sentido as organizações tem grande importância para o desenvolvimento do Plano Brasil Sem Miséria,

possibilitando que o agricultor, o extensionista e o pesquisador trabalhem juntos.

A comunicação comunitária consiste em não apenas divulgar a informação, mas construí-la coletivamente. O principal objetivo dessa ação é a comunicação continuada para fortalecer a comunicação comunitária.



Apresentação sobre a experiência do PBSM por Fernando Curado e Edson Diogo.

Na contextualização da caminhada, Fernando Curado e Edson Diogo apresentam sobre a agroecologia e segurança alimentar nos territórios.

**Fernando Curado:** a Embrapa em parceria com a Universidade Federal de Sergipe está realizando pesquisa cujo objetivo é investigar o impacto socioeconômico alimentar das famílias que receberam os equipamentos hídricos pela ASA, a partir do PBSM, e sempre com o enfoque em como a agroecologia está presente nesse contexto. Além de realizar o levantamento, a pesquisa trará a visibilização das experiências dos agricultores e das entidades que os assessoram. O

PBSM trouxe a experiência do diálogo entre o conhecimento popular e o científico. Destacando que fazer agroecológico exige o diálogo. Fortalecimento da articulação entre os agricultores em torno da agroecologia.

Pensar outras formas para que a gente saia dessa postura assistencialista, paternalista. A pesquisa não é feita só pelo pesquisador. Quem faz pesquisa é o agricultor.

A gente quer investigar a relação do apoio produtivo com a soberania alimentar das famílias. A pesquisa faz uma reflexão coletiva sobre alimentação, nutrição e saúde nutricional. Participam do processo 30 famílias que passaram por formação para o acesso a água. São famílias que receberam o equipamento e a Embrapa entrou com o fortalecimento do caráter produtivo.

Estamos fazendo este trabalho (a pesquisa) em parceria com o Departamento de nutrição da Universidade Federal de Sergipe. O que a população está se alimentando? O equipamento hídrico trouxe mudanças? Aumentou a renda? Os impactos sócios econômicos? São essas perguntas que queremos responder. Nessa primeira fase os membros da família são pesados, na AAGRA tem um departamento de nutrição. E há professoras da UFS fazendo visitas às famílias para conhecer a realidade. Teremos a aplicação de questionários, avaliação qualitativa e quantitativa. Momento de discussão sobre essa realidade nutricional com as famílias. Pensar outras formas para que a gente saia dessa postura assistencialista, paternalista. A pesquisa não é feita só pelo pesquisador. Quem faz pesquisa é o agricultor. A ASA compreende isso muito bem quando trabalha com o agricultor.

**Edson Diogo:** Refletir a história da agricultura, onde tudo começa, é com o agricultor, acreditar que o agricultor faz experimentos, pesquisa não é uma aceitação comum. A existência de um profissional chamado pesquisador é muito recente. Toda a inovação ao longo desses dez mil anos tem sido feita pelo agricultor. O

---

que é possível à gente trabalhar com o agricultor. Nesse sentido a comunicação é fundamental, se a gente não se comunicar com as famílias a gente não vai ter esse resultado. A conexão da agricultura com a segurança alimentar. A partir da produção de alimentos saudáveis, sem subsídios externos ou créditos difíceis de pagar, é o que a gente acredita e o que a gente vem construindo com os agricultores.

Construir um novo conhecimento a partir da nossa participação no diálogo e com a experiência do agricultor, a Embrapa pode colaborar com a convivência com o semiárido. A gente traz a disposição para o diálogo. A exemplo da ASA que chama os agricultores de experimentadores, significa acreditar na experiência adquirida, acreditar neste agricultor pesquisador.

Comunicação, agroecologia, segurança alimentar como é que esses temas se relacionam.

**Em seguida às apresentações de Maria Clara, Fernando e Diogo abriu-se para uma roda de conversa:**

**Fala de Sandreana** – (Professora a rede Estadual de Educação e Coletivo Macambira) - Agroecologia está muito na moda. Sou pesquisadora, antropóloga e trabalho com comunidades quilombolas há seis anos. Nesses últimos dez anos, com o último governo, constatamos que a pesquisa está sendo construída com os agricultores, no meu caso com os quilombolas. O que eu venho observando, com o meu grupo de pesquisa, é o uso de agrotóxico. Comunidades quilombolas plantando banana e usando agrotóxicos. E aí entra na questão de endividamento, empréstimos. Tem essa parte positiva, como pesquisadora eu participei do processo, identidade, transformação, a gente vê as pessoas se tornando autônomas, mas o uso de agrotóxicos tem se tornado constante. Como isso está presente nas comunidades que eu trabalhei. Isso seria uma colaboração nesse sentido. E eu

---

---

pergunto: como a Embrapa esta trabalhando com comunidades quilombolas?

**Fernando Curado:** Essa colocação é importante até para a avaliação das nossas práticas. Como os quilombolas acessaram esses saberes e quais têm sido suas capacidades de resistir a esses saberes que impõe o veneno e desmonta outros saberes que vem se perpetuando. Entender como a modernização da agricultura impacta diretamente em seus modos de fazer. É importante fazer fluir uma comunicação que empodere. Que o outro não seja apenas o depositário do saber.

**Edson Diogo** – A gente acredita na construção das autonomias – sementes, insumos, bancos, nessa perspectiva da agroecologia. E a gente sabe que tem agricultores que compreendem, mas levam tempo nessa chamada transição agroecológica. Desde que tenham esse objetivo de acabar com o uso do veneno. O uso de agrotóxicos é uma perspectiva que a gente não pactua, não estamos trabalhando para isso, embora a gente tenha a perspectiva de trabalhar com comunidades.

**Fernando:** Há uma preocupação institucional nessa direção. Hoje há projetos pontuais da Embrapa, há um esforço para a criação de editais voltados para comunidades tradicionais. Uma conquista do Governo Lula foi a construção de um macroprograma voltado para a agricultura familiar, coisa que há certo tempo não se via dentro da própria Embrapa.

**Dimas Francisco Santos** – Rádio comunitária Salomé FM – São Sebastião (AL)

Quando a gente discute agroecologia, eu fico aqui pensando... Onde eu moro tem o Rio das Carnes que está contaminado. O município fez um lixão bem ao lado e aí contamina tudo. E eu vejo também que não há força política do município. Eles não querem investir no município.

---

Até a própria capacitação do agricultor familiar onde moro não tem. Eles colocam um trator para arar a terra do povo, mas a questão ambiental e sustentabilidade não estão em questão. Aí eu pergunto, como a Embrapa está presente nos municípios?

**Itamar Peregrino (Amase):** Dimas, você saberia dizer se algum gestor municipal já tentou fazer alguma aproximação com a Embrapa? E houve retorno?

---

**Edson Diogo:** O que temos feito é uma aproximação de parte da pesquisa com as instituições municipais, mas não é esse formato que a gente constrói, mas a partir de um diálogo local.

**Fernando:** Eu me lembro que há uns 4, 5 anos o Governo de Alagoas foi até o diretor- presidente da Embrapa reivindicar apoio tecnológico para as culturas do coco e do arroz e para a bacia leiteira de alagoas. Inclusive toda essa movimentação pode estar relacionada com a nova Embrapa que está sendo construída em Alagoas.

**Fernanda Cruz (ASACOM):** Observando os debates, eu percebo que essa reunião fortalece a nossa caminhada num momento como esse. E essa oficina possibilita que a gente trace um novo rumo para a comunicação que a gente faz. E na verdade não estamos sós. E na verdade a gente não pode esperar da mídia o que queremos ouvir. Vimos de um encontro de comunicação da ASA muito instigante. Sujeitos políticos com capacidade enorme de intervenção. Talvez aqui a gente possa pensar em como a gente contribuir em um projeto político dentro da Embrapa que possa nos atender. Outra questão que eu queria trazer – é super importante aliar comunicação com a pesquisa, porque estamos vivendo a desconstrução da convivência com o semiárido. A mídia retomou o tema "indústria da seca", e percebemos que o que os movimentos fazem ainda é pouco para combater essa visão de indústria da seca.



Roda de conversa

Também gostaria de interagir com fala de Sandreana sobre o quilombola. E quando a gente trata o povo quilombola sem ressaltar a sua origem, a gente acaba contribuindo para a sua invisibilidade.



**Noaldo Gomes Araújo** (Instituto Terra Viva): Agroecologia é uma ciência nova. Então esses programas sociais vieram para somar um pouco nessa vida do agricultor, agora a gente sente muita falta de um debate mais amplo sobre a questão do fomento (recurso que é repassado ao agricultor por meio de chamadas públicas do MDA, como os editais públicos). O fomento é um poder de penalidade. Ou você entra no fomento ou você não entra. Então se

quiser entrar é com agroecologia, senão não entra. Nós mesmos temos fazendo essa articulação. O agricultor é resistente. O cara vem rico de

conhecimento, mas o que ele quer mesmo é o dinheiro da assistência.

Você transformar um agricultor é muito difícil. Mas uma comunidade é mais fácil e a gente tem feito isso e tem dado certo. O exemplo do vizinho, uma fossa, um biodigestor que deu certo. O próprio agricultor é o nosso comunicador. Ele que dá o seu testemunho, que mostra que tá dando certo e isso contribui para a comunidade mudar seus hábitos. Em São Sebastião temos cem famílias, em três comunidades, produzindo sementes crioulas.

### **Daniela Bento – Sasac**

Eu gosto de um pensamento que diz: a língua de um povo é a sua alma. Muito que tá posto aqui para os agricultores, para os quilombolas, é a falta da língua que se fala. Eu acredito que a comunicação tem um papel fundamental nisso. E quando a gente olha a realidade dos quilombolas, são povos, a despeito de toda a sua luta, são povos que estão à margem como sujeitos protagonistas de seus territórios.

Alguns sujeitos que são inviabilizados inclusive no debate. Falta GTs para discutir os povos quilombolas com o mesmo valor que se tem GTs de agricultura familiar. Agora se a gente parar para pensar nessa questão da língua que se fala, por exemplo, em Sergipe o termo é camponês, campesino e não agricultor familiar. E isso tem todo um significado de identidades. E quando se criou a expressão agricultura familiar a gente matou o campesinato. E o mesmo a gente pode dizer para os índios e quilombolas. Quando se cria as comunidades tradicionais, os quilombolas e outros povos nem sabem onde estão porque não se enxergam dessa maneira.

Eu gosto de um pensamento que diz: a língua de um povo é a sua alma. Muito que tá posto aqui para os agricultores, para os quilombolas, é a falta da língua que se fala. Eu acredito que a comunicação tem um papel fundamental nisso. E quando a gente olha a realidade dos quilombolas, são povos, a despeito de toda a sua luta, são povos que estão à margem como sujeitos protagonistas de seus territórios.

Esses encontros com a Embrapa demonstram que nada está ganho, a luta tem de continuar. Nós temos a elite brasileira pautando a Embrapa e dizendo qual a agricultura ela quer. E eu acho que a Embrapa não é um dos nossos, mas eu acho que quando a gente se aproximou a gente percebeu que tem um monte de gente angustiada lá dentro também. E só para pensar aqui como essa invasão que chega aos povos quilombolas. E é comum, quanto mais à margem do direito esses povos ficam, mais tardiamente eles entra no circuito. Não existe uma transformação que não passe pela comunicação, que não passe pela língua do povo.

---

**Florisval Alexandre Costa** – agricultor experimentador da AAGRA

Eu fico aqui matutando e pensando quem manda. E aí a gente tem um sistema que diz que todo mundo tem de estar globalizado. E pelos movimentos sociais parece que se usa exclusão ou inclusão. E aí quem não tem condição de comprar um celular não está na rede. Eu nunca consigo, o tal do whatsapp. Esse governo do PT teve alguns avanços. A Asa foi ouvida, educação do campo, quantas pessoas não fez faculdade lá na roça? Quantas pessoas lá na roça mudaram? A gente tem um quadro diferente. E a gente precisa fazer com o que o nosso povo entenda que mudou. E aí a gente tem o que tá na moda e o que não tá na moda. Se você não produzir a batata em tamanho padrão não vende. O mercado também faz isso.

Acho que é bom a Embrapa perguntar se nesse novo governo que deu o golpe se a gente vai ser ouvido? Se os movimentos sociais vão ser ouvidos? Será que a Asa não precisa ir para a rua? Será que as pastorais não precisam ir para a rua? É preciso fazer uma nova formação, mostrar que o rural mudou.

**Simone Lopes** (Macambira)

Antigamente de um lado tinha o conhecimento popular e de outra a pesquisa da Embrapa. A tecnologia social e a tecnologia da Embrapa.

E de tempo pra cá diminuimos a distância e estamos conseguindo caminhar juntos, com algumas perspectivas. Até porque recentemente a ASA esteve com a Universidade Federal de Alagoas para discutir parceria sobre uma pesquisa voltada para sementes crioulas e agroecologia, mas ainda não se tem um professor que oriente pesquisas nos programas de pós-graduação e doutorado nesta área, ainda é algo que vamos ter que conquistar.

A desconfiança sempre foi grande com relação à Embrapa. O guardião de semente desconfia em disponibilizar sua semente, o temor que a Embrapa leve embora, faça o melhoramento e depois dizer que é dela.

Então fica a desconfiança. E eu gostaria de saber como a Embrapa chega junto nas rádios e quando vamos poder fazer parte das publicações da Embrapa?



Roda de conversa

**Fernando:** Nós temos editais incluindo essa participação das organizações nas publicações da Embrapa. A gente teve um último edital para os institutos federais, a gente tinha uma proposta no alto sertão sergipano.

A importância dos grupos, grupos de agricultura alternativa. Como que essa experiência do movimento estudantil que vem trazendo

---

essa reflexão. Agora em Pernambuco a gente vem dos grupos de agroecologia.

**Diogo:** Em muitas universidades a entrada da agroecologia não se deu pela agronomia. A grande estratégia é encontrar os aliados que temos nas universidades. Pode ser que seja a agronomia, mas pode ser em outros departamentos. Então é importante que se abrace essa leitura. A gente mesmo tem um exemplo de uma pessoa que foi bolsista que foi fazer mestrado na universidade federal de Pernambuco e que a professora disse que não entende de sementes crioulas, mas se dispõe a orientar.

**Maria Clara:** Sobre a questão de como a Embrapa chega junto nas rádios, eu digo para vocês que é um trabalho gradativo que foi sendo desenvolvido até a gente conseguir formar a rede que o Prosa Rural tem hoje de 1800 rádios parceiras. Nós temos como positivo o fato de existirem jornalistas em todas as Unidades de Pesquisa da Embrapa localizadas nos estados. Então, os colegas de lá visitam as rádios e apresentam o Prosa Rural. Outra coisa que ajuda muito é o fato de as pesquisas da Embrapa que estão no rádio, aliás, que foram selecionadas para passar/veicular nas rádios serem de fácil acesso e de benefícios para o produtor rural. Isso também é um fator que faz com que as rádios se interessem pelo programa. Mas não quer dizer que a gente sempre vai conseguir introduzir o programa nas rádios. Vai ter situações que a rádio não terá interesse. Então é um trabalho do dia a dia, de estar sempre se fazendo presente.

**Sandrea:** Gostaria de fazer uma consideração aqui. Quando eu coloquei que não vejo diferença entre comunidade quilombola e agricultura é claro que existe sim. O que eu falo dessa não diferença é que a base dela é o território, é a agricultura.

Eu sou apartidária de certa forma, mas sou política. Não sou PT, mas sou política e consigo enxergar que houve muitas mudanças e graças ao governo do PT. Identidade territorial é uma coisa e

---

justamente o fortalecimento das identidades das comunidades negras que está fazendo elas mudarem alguma coisa. No campo a gente passa a ser o meio que as pessoas tem de se comunicar com o externo. Claro que isso é fato. Outra questão na fala da Dani. E eu acho que a Embrapa está trazendo o que o Stuart Hall (teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido de 1932 a 2014) colocar, autor da sociologia, que é o caminho de volta, o caminho de trabalhar com a terra.

### **Encerra-se a roda de conversa e inicia o momento de motivação para comunicação.**

---

Intervalo para o almoço

#### **Tarde**

#### **MOTIVAÇÃO 1 – Daniela Bento e Fernando Curado (facilitador/a)**

Esse momento trouxe uma roda de conversa, onde foram distribuídas tarjetas com diversas frases, poemas e pensamentos. Num primeiro momento em duplas os participantes discutiram sobre a tarjeta de cada um/a, em seguida foram colocadas para o grupo maior a reflexão a partir da primeira conversa.

Daniela – Momento

#### **Roda de conversa “Comunicar é”**

A fala de um povo é a sua alma. Muitas vezes a gente não entende a fala do outro e não faz a pergunta, a gente não tem condição de compreender. Muitas vezes a minha forma de dizer ao outro é uma forma que ele não entende. A comunicação se dá pelo viés da subjetividade. Precisamos estar sensíveis ao outro para compreendê-lo.



### **Comunicar é...**

Capacidade de estranhamento. Olhar com outro olhar, entender o outro, estranhar o outro, ver o diferente e resignificar.

Sair do etnocentrismo!

Estranhamento no sentido de ver, procurar entender o ser humano dentro do contexto dele, se colocar no lugar do outro. Estranhar no lugar do outro, ser diferente.

“O mundo é salvo todos os dias, em pequenos gestos.” - Frase da Eliane Brum

**Noaldo:** Decrescimento pessoal – não ter apego, estar satisfeito com o que você tem com o que você é, não estar preocupado em se tornar poderoso. Viver bem com o mundo que você recebeu. Com certeza você terá melhores amigos e uma vida mais saudável.

---

Se pararmos de agredir o meio ambiente hoje, a terra ainda vai esquentar 2 graus.

**Simone:** Cuidar para escutar a demanda da vida e não tratar como morte o que é vida e como vida o que é morte.

Referencial para quem aceita o desafio de pensar o que queremos comunicar. Eliane Brum.

Queremos que a gente se torne sensível ao ato de comunicar. Não podemos nos comunicar pensando na meta que temos de comunicar.

O que é que é invisível no ato de comunicar?

Às vezes vamos à comunidade, a gente entra na casa das pessoas, come na casa delas, mas não nos alimentamos da sua alma.

Comunicar tem que ter essa pegada da sensibilidade. Eu posso comunicar qualquer coisa, não precisa estar no boletim, mas eu posso comunicar os desafios da comunidade. E quando a gente não reflete sobre esse ato de comunicar que enxerga as pessoas, não estamos fazendo a comunicação popular. Não estamos pensando nas pessoas, e sim estamos fazendo uma comunicação na lógica do tradicional.

A gente não comunica se a gente não sentir. Comunicar é sentir. Sentir revolta, compaixão, compaixão, saudades. Mas ele é do campo do sentir.

Nós enquanto pessoas somos horizontal, nenhuma pessoa, por mais baixa ou mais alta, sempre se cruza no olhar. A comunicação tem de sentir na horizontalidade. Queremos que vocês saiam daqui inquietos com essa pergunta. Comunicar é o que? E para que eu quero comunicar?

**Daniela:** Nenhuma comunicação é imparcial. Nós temos objetivos com as histórias que vamos contar. No meu caso eu quero contar a história

---



das mulheres. Quando eu fui para a comunicação popular dos candeeiros percebi que são poucas as histórias de mulheres e então eu quis contar a história de mulheres. Pelo menos quatro histórias vão ser de mulheres. É uma forma de parcialidade não para oprimir, mas para dar parcialidade. Eu queria chamar atenção para essa frase que o Nicélio leu.

Eu queria que a gente gastasse dois minutos com a reflexão sobre a frase abaixo:

“Durante muito tempo andamos perdidas uma das outras. O meu nome nada significava para vos. A minha memora é pó. Nada disso é culpa vossa, nem minha. A cadeia entre mães e filhas quebrou-se e a palavra passou à guarda dos homens, que não tinham condições de saber.”

Daniela recomendou o livro “A tenda Vermelha” de Anita Diamante.

Neste momento houve um intervalo para um lanche e em seguida:

### **Experiências/vivências a partir DO PRIMEIRO MÓDULO DA oficina de comunicação realizada em Igaci (AL), no ano de 2015:**

Mediação de Simone Lopes (Macambira): Nós temos uma caminhada de um ano, pelo menos a metade deles. Saímos daqui em julho do ano passado dizendo que íamos nos encontrar em novembro,

---

mas só conseguimos nos encontrar agora, final de agosto, início de setembro. Eu tenho certeza que cada um em sua trincheira de batalha fez alguma coisa durante este ano que passou. Esse coletivo aqui é comprometido com alguma coisa.

Itamar: para avaliar o que passou eu proponho um cochicho e depois uma roda de conversa...

**Maria Clara:** Isso! Seguindo a orientação do Itamar, vamos nos dividir em grupos de quatro/cinco e conversar com o colega sobre as experiências que vivenciou durante este ano que se passou tendo como horizonte o primeiro módulo da oficina de comunicação. Então, as perguntas orientadoras são as seguintes:

1 – O que fiz durante este ano que se passou em termos de comunicação comunitária?

2 – Se não pude fazer, o que senti ou refleti a partir do primeiro módulo da oficina? O que vivenciei no primeiro módulo, de alguma forma, refletiu no meu modo de pensar ou atuar na minha comunidade?

Tenho uma observação para os grupos: Não precisa se sentir obrigado a criar uma situação, é para falar de coração, sem a preocupação de comprovar algo.

## **DEPOIS DAS DISCUSSÕES EM GRUPOS, RODA DE CONVERSA PARA APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS:**

### **Grupo 1**

Fala do grupo apresentada por **Eline Araújo de Sousa** (Centro de Desenvolvimento Comunitário Maravilha – CDECMA/ Maravilha/AL): Em relação ao que sentimos? Foi novo aquele primeiro momento voltado para a comunicação. Nós nos comunicamos sempre, com a nossa

---



expressão corporal, com a nossa fala. Então assim o que eu senti em relação a oficina passada? Me desenvolveu bastante, porque em primeiro lugar recebemos informações técnicas de pessoas experientes e isso soma na vida da gente. Nós do CEDECMA em Maravilha temos a festa da padroeira e aconteceu que a gente precisava fazer a gravação da ASA MARAVILHA para o carro de som que iria anunciar a festa. Eu disse: deixa que eu gravo, já me sinto preparada. Gravei na hora, porque eu me senti segura, recebi informações e o foco maior da oficina foi a questão da rádio, falamos sobre vários tipos de programas. Mas quando eu estava no escritório e passou o carro de som eu não acreditei que era a minha voz. Mas por que? Porque recebi informações técnicas da oficina, a oficina me ajudou muito. A gente sabe que é nosso direito da comunicação, e a gente se sente violado quando não tem acesso a ela. Porque a massa da comunicação que é manipulada

pela rádio e pela TV, então, a partir daquela oficina eu percebi que a nossa comunicação é popular, é democrática, é livre, onde a gente pode trabalhar com uma linguagem clara e contextualizada. A gente tem o maior exemplo é esse golpe, a gente sente o nosso direito violado, e a oficina me fez refletir sobre a comunicação popular. Em relação à expectativa da nossa oficina agora, eu vejo isso aqui como aprendizagem.

## Grupo 2

Grupo representado por **Dimas Francisco Santos** (Rádio Comunitária Salomé FM/São Sebastião): Eu participei do encontro que a Embrapa realizou em 2014, em Aracaju, onde reuniu um conjunto de radialistas dos territórios Agreste Alagoano e Alto Sertão Sergipano. Lá nós



aprendemos a fazer e produzir um programa de rádio. Mas esbarramos na questão do VEGAS e a questão econômica. É difícil ter uma estrutura para produzir um programa como o que foi proposto no primeiro encontro em Aracaju. E também aprendemos que não tem um conceito para ser comunicador. Não precisa ser um expert para ser radialista. E a gente percebeu que não deve

copiar um radialista comercial, que temos de fazer o nosso papel de comunitário. E isso contribuiu muito na minha atividade do dia a dia, nas entrevistas que eu faço na rádio e muitas outras coisas. Inclusive a valorizar o Prosa Rural.

**Amanda** – Rádio comunitária tapera FM – Faz pouco tempo que eu trabalho em rádio. E agora eu posso falar o seguinte: aprendi bastante,

adquirir vários conhecimentos. Rádio é falar com tranquilidade, é fazer as coisas com amor. Graças ao meu pai eu estou acreditando em mim mesmo e participar dessa oficina é muito bom (Obs: resgate da autoestima).

Realizamos muitas capacitações com as pessoas, muitos projetos, e percebemos a importância de nos comunicarmos melhor e focar mais no nosso boletim institucional – Caminho das Águas. Euraide (AAGRA).

### Grupo 3

**Euraide – AAGRA.** A partir da oficina, eu tentei falar para os meus colegas de grupo. Eu particularmente senti a necessidade de registrar, sistematizar e comunicar melhor o que a gente faz aqui na AAGRA. Trabalhar com mobilização social, senti mais necessidade de me comunicar melhor com o público alvo dos programas. Mas numa visão mais ampla, essa sistematização deveria ter um foco maior. Realizamos muitas capacitações com as pessoas, muitos projetos, e percebemos a importância de nos comunicarmos melhor e focar mais no nosso boletim institucional – Caminho das Águas.

Estamos no terceiro boletim e apresentamos melhor as ações que estão sendo realizadas junto às famílias, em textos que informam mesmo. Essa comunicação tem acontecido em primeiro estágio para as famílias beneficiadas. E agora estamos pensando em produzir um site. Primeiro a gente comunica para dentro, que são as famílias, para depois comunicar para fora. Depois da oficina nos atentamos em sistematizar a comunicação visual. Sentimos necessidade de termos aproximação com o agricultor. Nós não tínhamos relatos, fotografias dos agricultores. Então saímos com essa demanda. E fizemos esse trabalho, sistematizar em vídeos e fotografias e apresentar nas reuniões mensais. Formamos uma equipe de comunicação dentro da AAGRA e estamos começando agora. Fizemos dois vídeos bem caseiros com o Florival que é um agricultor experimentador. E aí recebemos a incumbência de realizarmos outro vídeo para uma assembleia. E estamos caminhando para que isso não pare por aqui. Temos também

---

os boletins. Essa é a importância. Às vezes a gente acha que não está fazendo, mas estamos sim.

**Gleice:** Através desse processo a gente pode dar visibilidade ao trabalho dos agricultores nas comunidades. Um conhecimento que precisa ser compartilhado. Nesse sentido a comunicação é fundamental. Eu tenho uma expectativa muito grande que é da estruturação da rede de comunicadores populares do Estado de Alagoas. A gente já ensaiou, mas ainda não saiu. E nossa expectativa é que a gente não se encontre apenas nos encontros de uma vez por ano. Propor aqui no estado com esse grupo de comunicadores. A gente tem os comunicadores voltados para o P1+2 e a gente acredita que é possível ir além do projeto. É um desafio muito grande. A gente precisa amarrar amanhã na Oficina, e amarrar uma agenda de compromissos com essas instituições que estão aqui representadas. Nós não estamos soltos.

#### **Grupo 4**

**Bruna** (MACAMBIRA) e **Ylka** (ASACOM/PE): Nós destacamos aqui alguns avanços, a própria criação do grupo, porque a gente manteve um contato com as pessoas. Sempre que tinha alguma novidade às pessoas publicavam no grupo. A participação nas mobilizações. A construção do vídeo da ASA – o semiárido contado por sua gente. Foi uma construção bem interessante e aí algumas expectativas é o seguinte: a ideia de fazer de fato a rede de comunicadores. Faça esse negócio crescer mais. Construir espaços ou fomentar a comunicação nas escolas. A Josefa falou que é importante a gente começar a dialogar com as escolas. Eu acho interessante essa ideia da rádio nas escolas. E aí o Manoel Avelino colocou uma questão importante que é a divulgação dos recursos públicos que chegam ao município. Ele faz esse trabalho no programa de rádio. Outra coisa: os intercâmbios entre Alagoas e Sergipe são muito importantes. E a sistematização das histórias dos candeeiros.

---

**Manoel Avelino:** O programa Prosa Rural e também o quanto entra em dinheiro para o município em merenda, por exemplo. A nossa criança não tem nem o que comer em casa, só bolacha seca. E aí eu pesquiso e digo o quanto entra para comprar de merenda nas escolas públicas. Procuro no portal da Transparência e vejo que o dinheiro daria para comprar legumes, verduras etc. E aí o povo fica ligado. E chega recurso para a compra de ambulância, saúde etc. E lá nós botamos a boca no trombone e divulgamos mesmo. Para mim isso é comunicação comunitária e que ajuda a comunidade a crescer.

O nosso objetivo virou um produto e foi um legado do desafio da oficina de apresentar a rede. A oficina possibilitou uma aproximação com Alagoas.



#### **Grupo 5**

Edson Diogo: no meu grupo nenhum de nós esteve no primeiro encontro, mas foi interessante a fala das meninas porque eu percebi a preocupação delas em elaborar em cima daquelas questões. Eu vejo como elas estão motivadas em refletir sobre a comunicação. Ao mesmo tempo em que tem

uma continuidade, tem pessoas novas chegando. É importante verificar de que forma esses jovens serão acolhidos e trazidos para a comunicação mesmo.

**Daniela:** Questão individual, que foi minha. O que eu achei mais interessante foi a oficina de Antropologia Visual, foi onde eu mais avancei pessoalmente falando. Esse olhar para o sujeito e para a

fotografia, ter uma ideia do fazer e não a fotografia montada. E eu tenho adotado no meu olhar na hora de fotografar. A gente olhando o legado que a oficina deixou para a comunicação, ela começou a ser um pouco desenhada antes de vir para cá para trocar um pouco a nossa experiência aqui em Sergipe. A princípio era eu e Itamar e a única coisa lúdica mais próxima da arte foi o cordel e como resultado a rede conseguiu divulgar o cordel. O nosso objetivo virou um produto e foi um legado do desafio da oficina de apresentar a rede. A oficina possibilitou uma aproximação com Alagoas.

**Fernando:** A perspectiva é que a gente continue tocando essa rede e paralelo a isso que a gente desenvolva a partir do ano que vem, um projeto específico de comunicação em agroecologia (projeto liderado pela Embrapa Informação Tecnológica). Também Em temos de Embrapa, estamos em um processo de construção de um projeto sobre sistema de produção animal e vegetal (liderado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros). Essa perspectiva de um projeto em rede e a comunicação nos projetos da Embrapa sempre entrava pela porta dos fundos e a gente está conseguindo, nesse projeto atual de comunicação, dar um valor maior dentro dos outros projetos. Ela é estrutural, ataca problemas no campo da comunicação. No campo da relação com a rede sergipana de agroecologia uma participação mais efetiva no GT, mas temos agora planejado mais uma oficina de sistematização gráfica e uma outra de sistematização de experiências.

**Daniela:** Eu acho que também tem a ver em como a gente de comportou na caravana agroecológica do alto sertão, no ano passado. Eu acho que a ideia de a gente fazer a rádio e ficar rodando com o carro de som na caravana agroecológica teve a ver com a oficina de rádio que vivenciamos no primeiro módulo que aconteceu em novembro em Sergipe (Canindé de São Francisco). Caravana com cara de povo e produzida pelo povo. Começou desde a escolha das experiências.

---

Já estava chegando à noite quando Bruna Fernandes e Itamar Peregrino trouxeram uma **Cena de Teatro Fórum, metodologia do Teatro do Oprimido**.

A cena se passa em campo a partir da relação do técnico extensionista como o/a agricultor/a, que não conseguem dialogar, pois o técnico é obrigado a vender um pacote tecnológico que diverge com o conhecimento tradicional do/a agricultor/a, que não aceita troca sua semente crioula por uma semente transgênica. Contudo o técnico tem padrões intransigentes, que não aceita os argumentos do técnico. Como sair da opressão? Os telespectadores dialogam com a cena, deixam de ser apenas plateia e passam a ser parte na cena, todos tentando encontrar outra saída, para que o técnico saia da opressão. No fim ele consegue dizer o que pensa a sua patroa e deixa a empresa, pois não acredita na proposta que é vendida.



Durante a cena do Teatro Fórum.

---



Cena do Teatro Fórum.

Os trabalhos do dia foram encerrados após o jantar.

### **31 DE AGOSTO – SEGUNDO DIA DE OFICINA**

Abertura do dia com músicas. O tom do segundo dia de oficina com a canção “Negro Nagô” e Bruna Fernandes trouxe uma contação de história “A história da fábula”, de Malba Tharan.

**Fernanda Cruz e Ylka Oliveira** (Asacom) trouxeram um painel sobre **SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS**.

“Falar é fácil. Custa é aprender a calar.” Mia Couto.

Foram apresentadas algumas perguntas norteadoras:

- Para quem sistematizar?

- Por quê?
- Quem sistematiza?
- Quem ocupa a centralidade da sistematização?
- O que revelar?

• A sistematização de uma experiência é a interpretação crítica de uma realidade.

• A sistematização deve ser um espaço onde inclusive, as estruturas mais hierarquizadas possam ser debatidas e questionadas no momento em que vão analisar sua história.

### **O QUE É SISTEMATIZAR EXPERIÊNCIAS?**

- **É CONSTRUIR NOVOS SABERES, COMPARTILHANDO AS VIVÊNCIAS DE CADA PARTICIPANTE. O QUE APRENDEMOS COM ESSA EXPERIÊNCIA?**
- **É CONTAR COMO ACONTECEU, JUNTANDO AS OPINIÕES E LEMBRANÇAS DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM DA EXPERIÊNCIA. COMO ACONTECEU?**
- **É SITUAR O CONTEXTO NO QUAL A EXPERIÊNCIA FOI PENSADA, OU SEJA, COMO ERA ANTES?**
- **É ANALISAR O QUE ACONTECEU, PROCURANDO IDENTIFICAR AS CAUSAS E EFEITOS DAS DECISÕES TOMADAS. POR QUE ACONTECEU DESSA FORMA, PODERIA TER SIDO DIFERENTE?**
- **É IDENTIFICAR OS ASPECTOS NOS QUAIS A EXPERIÊNCIA FOI BEM-SUCEDIDA E EM QUAIS NÃO FOI.**
- **É IDENTIFICAR LIÇÕES, OU SEJA, QUE CONHECIMENTOS ADQUIRIMOS A PARTIR DESSA PRÁTICA QUE PODEM SERVIR PARA OUTRAS EXPERIÊNCIAS?**
- **É COMPARTILHAR AS LIÇÕES APRENDIDAS COM A SISTEMATIZAÇÃO. COMO PODEMOS CONTAR AOS OUTROS O QUE APRENDEMOS?**

## **PRA QUE SISTEMATIZAR EXPERIÊNCIAS?**

- **PARA ANALISAR AS CONDIÇÕES DO MOMENTO EM QUE NOS ENCONTRAMOS.**
- **PRA ORIENTAR DE FORMA CONSCIENTE E ORGANIZADA A CONTINUIDADE DO PROCESSO COMO UM TODO.**
- **PARA QUE TODOS OS GRUPOS PARTICIPANTES DA EXPERIÊNCIA SE APROPRIEM DELA.**
- **PARA ESTABELECEER CONSENSOS BÁSICOS ENTRE COMPONENTES DO GRUPO, FAVORECENDO A COOPERAÇÃO E A RESPONSABILIZAÇÃO DE TODOS NA AÇÃO.**
- **PARA RECUPERAR E SOCIALIZAR EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS.**
- **PARA CONSTRUIR CONHECIMENTO, A PARTIR DA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS VIVENCIADAS.**
- **PARA ADQUIRIR MAIOR CAPACIDADE DE CRIAR E DE UTILIZAR INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS QUE NOS AJUDEM A COMPREENDER E TRANSFORMAR A REALIDADE SOCIAL.**
- **PARA INSTRUMENTALIZAR PROCESSOS DE DIAGNÓSTICO E AVALIAÇÃO, AJUDANDO A TOMAR DECISÕES QUANTO ÀS REAIS PRIORIDADES DE AÇÃO.**

A sistematização deve apontar para:

- A organização do conhecimento acumulado na experiência;
- Da experiência deve-se extrair ensinamentos para aprendizado à ação coletiva para à convivência com o Semiárido;
- Importante identificar a comunidade, município, região, estado
- 
- Como as pessoas chegaram àquela terra/ àquele grupo/atividade? A quem pertencia a terra/ação? Elementos históricos
- Quem está envolvido ou envolvida? Família? Grupo? (enfocar gênero, gerações, etnias, organizações, entidades, movimentos sociais)

Processo de resistência:

- Como as pessoas envolvidas na experiência vêm contribuindo para o processo de resistência?
- Quais as principais fragilidades nesse processo de organização?
- Quais fatores potencializam a ação local para resolver problema?
- Como as pessoas envolvidas vêm atuando para contribuir no processo de resistência?

Resultados:

- Em que medida as ações estão contribuindo para a convivência com o Semiárido?
- Em que medida a experiência tem mobilizado pessoas para promoção do acesso à terra, à água, à segurança alimentar, à cultura; e vem modificando as relações de poder?

A sistematização é um construir constante, que nos despe de nossas certezas, momento a momento.

A ASA dispõe de instrumentais de sistematização de experiências, como o, **CANDEEIRO**, que contribui:

- Favorecem o fortalecimento do protagonismo dos agricultores, agricultoras e das suas organizações.
- A grande maioria dos boletins é de natureza multitemática
- Mais recorrentes: Convivência com o Semiárido, Água, Mulheres, Organização de agricultores e agricultoras e quintal produtivo.
- Palavras síntese: força, luta, resistência, recomeço, convivência, crescimento, criatividade, autonomia, liberdade, perseverança, orgulho, cidadania, sabedoria, harmonia, nova realidade, conhecimento, fartura, esperança.

Desafios:

- Ainda é um desafio tirar da invisibilidade as formas de inserção socioprodutivas e econômicas das mulheres, trazendo para o processo a leitura e a percepção das agricultoras.
- Presença das relações de poder
- Preconceito
- Cristalização de posições

Finalizando a apresentação foi exibido o documentário da ASA Brasil “**O Semiárido contado por sua gente**”, que sistematiza a experiência de comunicação popular da ASA, que contou com a contribuição de diversos comunicadores inclusive de Alagoas, a exemplo de Moisés Oliveira e Bruna Fernandes, ambos do Coletivo Macambira.

Para aprofundar o debate foi sugerido que dividíssemos em grupos para fazer a leitura do texto “**Olhar Insubordinado**” de Eliane Brum.



Seguimos para as oficinas temáticas:

---

Antropologia Visual

Contação de História de Boletim de Experiências

Literatura de Cordel

Rádio

Após o momento teórico nas oficinas, a tarde acontece a prática, em campo, visitando agricultores e agricultoras do município de Igaci, onde cada grupo traria a sistematização dessas experiências, nos moldes de cada oficina temática.

Almoço

Visitas às famílias

### **DIA 1º DE SETEMBRO – DEVOLUÇÃO DOS RESULTADOS DOS TRABALHOS DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS:**

Os grupos se dividiram em dois e as equipes do Rádio Poste e do Cordel visitaram a propriedade de dona Maria Aparecida, na localidade de Lagoa da Pedra, área rural de Igaci. A agricultura é casada e ela e o marido são guardiões de sementes crioulas. Há mais de cem anos que as sementes de milho e feijão (diversas variedades) estão na família e são colhidas e guardadas a cada safra para plantios futuros. A família recebeu, na década de 1990, uma cisterna para consumo humano e, em 2014, uma cisterna calçadão para armazenamento de água para uso na agricultura. A família foi capacitada pela Embrapa em técnicas para uso da água e plantio agroecológico, e recebeu da ASA, o equipamento hídrico. Projeto PBSM.

Os grupos de contação de histórias e Antropologia Visual visitaram a propriedade do senhor Washington, localizada na comunidade Colônia. O objetivo foi dialogar com a família e conhecer a experiência do biodigestor e a horta.

#### **Grupo 1**

## **OFICINA DE RÁDIO POSTE (todos os radialistas presentes integraram esse grupo por escolha própria)**

Dimas (radialista da Rádio Salomé FM) comentou que a visita foi importante porque não sabia o que era uma semente crioula e não conhecida cisterna de placa. Falou sobre os projetos sociais que trouxeram mais água apesar de não ter tanta chuva quanto no passado.

Experiência interessante que levaremos para os nossos ouvintes e nossas comunidades.

**Maria Clara:** Sobre o trabalho da equipe do Rádio Poste tenho algumas considerações. Primeiro parabéns ao grupo. Mas acho importante vocês refletirem sobre o que apresentaram hoje. Na prática, é algo um pouco parecido com o que vocês já fazem no seu dia a dia. E a ideia aqui é fazer algo que saia um pouco da rotina. Tentar mudar o modelo. Quem sabe contar uma história, ficou parecido com um programa de rádio tradicional. Sistematizar a experiência é contar uma história, do início ao fim, falar da pessoa, da vida dela, da família. A entrevista buscou algo que saiu da história da Dona Aparecida e foi falar sobre outras temáticas.

---

### **Grupo 2**

#### **OFICINA DE ANTROPOLOGIA VISUAL**

Sandrea: O objetivo da oficina de fotografia era sensibilizar os alunos para o objeto.

*A gente não faz fotografia. A fotografia já existe. A gente apenas eterniza um determinado momento.*

**Eline:** uma fotografia pode trazer infinitas reflexões. Devemos observar, planejar, participar, olhar o outro com o olhar do outro, buscar o

---

equilíbrio da luz, o enquadramento. O mais importante é a comunicação.

**Noaldo:** o que Eline falou é extremamente importante. A fotografia está no nosso dia a dia. Alinhar visão ao coração, você vai tirar grandes fotos na vida.

**O GRUPO MONTOU UM POWER POINT COM AS FOTOS E UTILIZOU A MÚSICA DO CANTOR Vander Lee (cantor mineiro que morreu com 50 anos) – FALAR DO BRASIL**

“Falar do Brasil sem ouvir o sertão  
É como estar cego em pleno clarão  
Olhar o Brasil e não ver o sertão  
É como negar o queijo com a faca na mão

Esse gigante em movimento  
Movido a tijolo e cimento  
Precisa de arroz e feijão  
Quem tem a comida na mesa  
Que agradeça sempre a grandeza  
De cada pedaço de pão

Agradeça  
Clemente que leva a semente em seu embornal  
Zezé e o penoso balé de pisar no cacau  
Maria que amanhece o dia lá no milharal  
Joana que ama na cama do canavial  
João que carrega a esperança  
Em seu caminhão pra capital

Lembra do Brasil sem pensar no sertão  
É como negar o alicerce de uma construção  
Amar o Brasil sem louvar o sertão  
É dar um tiro no escuro  
Errar no futuro da nossa nação

Esse gigante em movimento  
Movido a tijolo e cimento  
Precisa de arroz com feijão  
Quem tem a comida na mesa

---

Que agradeça sempre a grandeza  
De cada pedaço de pão

Agradeça  
Tião que conduz a boiada do pasto ao grotão  
Quitéria que colhe miséria  
Quando não chove no chão  
Pereira que grita na feira  
O valor do pregão

Zé Coco, viola, rabeca, folia e canção  
Zé Coco, viola, rabeca, folia e canção  
Amar o Brasil é fazer do sertão a capital

**Sandreana:** O resultado da oficina não é só da oficina da fotografia, é resultado do nosso encontro. Eu a preparei um dia antes, a partir do primeiro dia do encontro da gente aqui. Nada que foi feito foi feito fora do contexto. Não é só coincidência você ter o mesmo olhar, mas o encontro cumpriu o objetivo de fazer com que falássemos o mesmo idioma. Nos comunicar contando uma história. A gente conseguiu fazer essa comunicação. As fotos não estão desconectadas da oficina de rádio.

**Fernanda Cruz:** Gostaria de deixar uma dica aqui do fotógrafo carioca – João Roberto Ripper – oficina “um olhar de bem querer”

---

### **GRUPO 3**

#### OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E PRODUÇÃO DE BOLETIM

**Simone:** A contação de histórias não precisa ser só com o BOLETIM DA ASA Candeeiro, neste caso da oficina fizemos essa escolha, a partir da experiência do Coletivo macambira de contar as história de candeeiro.

**Florisval:** Vou falar um pouco sobre a visita que fizemos ontem: descemos no local, observamos onde a família estava situada. Visitamos seu Cícero e sua esposa, ficamos em uma roda de conversa

onde todos nós nos apresentamos e eles começaram a falar da colônia agrícola. Washington, habitou em Belém e há 11 anos vive na comunidade. As terras eram de fazendeiros, mas eles foram assentados em reforma agrária. Ele mesmo foi assentado em duas tarefas de terra. Washington é estudante de química, tem quatro filhos e ajuda bastante nas atividades agrícolas. Ouviu falar sobre o biodigestor. Foi investigador, pesquisador até construir com seu próprio biodigestor.

### **Sistematizar é ouvir os implícitos da vida**

Nome do povo, onde está a propriedade, linha do tempo da família, ou seja, quando o casal se torna casal, beber um pouco da trajetória da família, as guinadas na vida da pessoa, quando a família começa a perceber essa realidade, o que mudou a partir da cisterna. Perceber essas guinadas, quando aquilo acontece, quem tá comigo nessa caminhada, quem contribuiu? AAGRA, Embrapa, missa etc.

---

## **GRUPO 4**

### **Oficina de cordel**

Maria Clara: fazer cordel para mim foi algo diferente, coisa que eu jamais imaginaria que seria capaz. Pude perceber o quanto é importante contar uma história falando a língua local. No caso, aqui a literatura de cordel é uma forte manifestação cultural. Está na vida das pessoas, no seu dia a dia.

Iremos falar agora  
Com muita satisfação  
Da nossa dona Aparecida  
Que nos chamou muito atenção  
Tem um banco de sementes  
Que guarda milho e feijão

Mora em Lagoa da Pedra

É uma grande grande lutadora  
Desafios enfrentou  
Se tornou uma vencedora  
Mas nem sempre foi assim  
A vida dessa agricultora

No começo pouco tinha  
Algumas cabras e galinhas  
Duas tarefas de terra  
Mandioca pra farinha  
Cinco filhos pra criar  
Mas não era coitadinha

Hoje ela tem cisterna  
De placa P um mais dois  
Com água para se beber  
Cozinhar feijão e arroz  
Plantar hortas e verduras  
Pra poder colher depois

Agradecemos a vocês  
Com carinho e amor  
Ver o que a gente rimou  
E essa foi a história  
Que Aparecida compartilhou

## **DEBATE - ESTABELECENDO RESPONSABILIDADES**

Como proposta metodológica para este trabalho, os participantes se dividiram em quatro grupos de aproximadamente 8 pessoas, destacaram um relator e um coordenador para o trabalho/por grupo e responderam às seguintes perguntas:

- 1) Como posso dar continuidade ao processo de formação continuada e à comunicação em rede?
- 2) Qual será o papel de cada parceiro?
- 3) Qual é a expectativa dos participantes em relação à Embrapa?

## **Grupo 01**

### **Itamar, Cristiane, Ivanilda, Eliene Maria Clara**

- . Aos parceiros caberá propor um calendário e divulgá-lo mais amplamente sobre encontros, novas oficinas de comunicação etc.
- . Incluir novas pessoas das bases
- . Favorecer a realização de oficinas temáticas de comunicação
- . Paralelamente verificar possíveis financiamentos e parcerias para as atividades
- . Os movimentos sociais devem buscar espaços nas mídias educativas e outros espaços
- . Propor a criação da REDE ALAGIPE – encontro anual de Alagoas e Sergipe
- . Melhorar o entendimento sobre os conteúdos nos zaps e facebook, ser mais propositivo, com informações, notícias sobre os territórios, utilidade pública etc
- . Criar página no facebook
- . Qual o papel do parceiro? ASA Alagoas, ASACOM, Embrapa, Coletivo Macambira, AAGRA: Apoio logístico, financeiro, articulação e liberação de outros parceiros para colaborar em outras atividades

Contribuição da Embrapa – apoio técnico e produção de materiais

---

## **Grupo 2**

### **Eline, Verdiana, José Fernando, Fernando Curado, Genilson, Florisval e Manoel Avelino**

José Fernando: fazer a partilha dos informes, não passar muito tempo sem rever os e-mails, diminuir as distâncias – se adicionar nas páginas de

cada um, passar informações para as rádios explicando o que seria ASA, Embrapa, movimentos sociais. Melhor compreensão da sociedade do que essas instituições fazem. Refletir o que nos liga? Utilizar os espaços de reuniões para fortalecer as ações de comunicação. Fazer momentos de formação e comunicação. Reativar a agenda presencial de comunicação de Alagoas.

Florisval: indicar pessoas da rede como referência para que possam fazer circular as informações (Exemplo: Macambira, representada por Simone, Bruna, Sandreana e Moisés)

---

### **Grupo 3**

**Noaldo, Angelina, Josefa, Magda, Simone, Mano Martins, Ylka, Maria Carolina, Euraidés**

Alguns desafios foram colocados pelo participante **Noaldo**: antes de mais nada a gente refletiu sobre o atual cenário que está aí para acontecer por causa dos nossos contratos. São 40 pessoas nas ruas, demitidos mesmo da extensão rural, do Instituto Terra Viva, Asa etc. Outra preocupação foi a fragilidade das organizações da ASA Alagoas. Infelizmente nós somos desunidos. Alagoas é um processo difícil. Temos 7 a 8 ongs que compõem a ASA. Eu gosto de ser ativo, mas a gente não tem união. Precisamos fazer uma reunião com esse grupo da ASA Alagoas.

Indicar outras pessoas para fazer parte desse grupo. A coordenação estadual não permite que o grupo de comunicação tenha decisões. A gente precisa fortalecer isso e agregar outros comunicadores. Manter o grupo se encontrando a cada dois meses. Criar uma agenda e trazer a participação da ASACOM. É difícil você passar um ano sem se ver. Reuniões com mais frequências.

Espaços de oportunidade: parceria com a Embrapa e que a gente possa ter outros eventos desses apoiados pela Embrapa.

A rede de comunicadores, que a gente possa se manter, trazendo discussões para as ações do estado além da ASA. Que não seja uma ação só da ASA e que seja além disso. Que não seja colocado como comunicador aquele que está contratado. Incluir as rádios comunitárias como forte parceiros. Outra coisa são as mídias sociais. Que a gente não crie um grupo só para trocar figurinhas, mas para trocar informações. O facebook é bem mais abrangente e poderíamos aproveitar a página da ASA Alagoas para usar como a página do facebook da rede de comunicadores.

Garantir a participação dessas pessoas no encontro estadual e nacional. Trazendo essas pessoas para fazer parte dessas discussões.

---

#### **Grupo 4**

Gleice, Fernanda, Nicélio, Dimas, Girlandia, Diogo, Bruna

Bruna: Para a estruturação do núcleo de comunicadores é interessante criar uma página da rede de comunicadores. Definir um ponto focal para manter o grupo animado. Definir pautas para comunicar nas rádios. Dialogar com a coordenação executiva da ASA Alagoas – a AAGRA ser um dos pontos focais de animação e Simone para manter o grupo animado. Fazer a devolução dos materiais para as comunidades, retornar às comunidades. Comunicar nos espaços de reunião da ASA.

Quem quer compor esse núcleo de fato e de direito?

Quem vai de fato participar dessa rede enquanto instituição e como comunicador popular? Macambira, AAGRA, MPA, Sasac, Amase, Instituto Terra Viva, representação da ASA Alagoas, Embrapa, Cedecma, Rádio Comunitária Salomé, Rádio Comunitária São José da Tapera, Rádio Comunitária Sertãozinho FM,

Página no facebook de comunicadores do semiárido alagoano e sergipano?

---

---

## **Considerações:**

### **Fernando Curado**

Essa página seria então envolvendo os dois estados?

Itamar: eu gostaria de falar um pouco. No entanto, eu notei que os perfis ficaram um pouco diferente. O grupo do ZAP de Alagoas funcionou. O de Sergipe não funcionou. A gente falou várias vezes e não funcionou. É importante estar Sergipe e alagoas, porque tem muito a ver, essa divisão é políticas geográficas, mas podemos fazer algo em comum. Tem gente de Sergipe que não é do semiárido. Mas como a gente hoje está numa discussão.

Noaldo: vamos sofrer, vai ter reações porque não vamos incluir outros estados.

Simone: a gente tem uma história para contar, por isso justifica a rede ser alagoas e Sergipe

Fernando Curado: espírito solidário no fazer a comunicação, o que importa é esse empoderamento de todos e todas. Que uma notícia da Paraíba possa ser postada na página porque é uma experiência que nos fortalece também. Quando a gente exercita o espírito solidário a gente rompe essa barreira. A notícia da AAGRA é importante, da ASA. A gente empodera, favorece a veiculação dessa informação e a gente situa essa informação criticamente.

Esse espírito é fundamental.

E essa pergunta também: o que nos liga, o que nos aproxima? É a formação? Mas é essa liga que vai continuar a nos fortalecer? O que que nos mantém unidos? O que que brilha nos nossos olhos e que nos mantém juntos?

Itamar: eu parei de colocar coisas na página nossa de Sergipe porque as pessoas não curtem, e a gente mesmo não vai na página, não

---

---

compartilha. A proposta é colocar e fazer com que seja movimentado. Exemplo: tem muitas coisas no site da ASACOM e a gente não vê. É importante compartilhar no site das pessoas para ampliar o alcance da informação.

Florisval: e quem não está na rede? Aí a gente viu que é necessário que haja essa comunicação em diversos lugares. Por exemplo: vai haver um curso na comunidade, é interessante que essa informação seja passada para quem não está no zap. Mas a gente pode pegar a informação.

Simone: A assessoria pedagógica da ASA e o Coletivo Macambira podem ser o grupo animador e referência para o facebook.

Nós todos seremos responsáveis. Teremos um espaço concreto na mídia social. Teremos concretamente um espaço na mídia. Exercício solidário da comunicação. Da denúncia. Eu nunca imaginava que a gente teria tanta coisa boa como resultado da primeira oficina. Teremos um espaço para fazer fluir essa comunicação que denuncia, articula, visibilize essa experiência de agricultores e agricultoras. Repensar a nossa comunicação.

Fazer um outro discurso, que dê essa protagonismo aos agricultores e agricultoras. É importante essa página ser animada, dar as informações para as rádios. É um espaço que vai poder nos articular.

Eu reforço a questão dos encontros bimestrais. Isso vai ser lembrado na rede, na página. E alagoas e Sergipe num encontrão anual. Essa articulação em torno da agroecologia que está sendo discutida aqui no estado.

Florisval: a gente também precisa de informações de Brasília, as mudanças, os programas sociais, como fica tudo isso...

Nicélio: a página no facebook vai nos dar mais visibilidade.

---

---

Após este debate e afirmação de compromissos o encontro foi encerrado. Com a entrega dos certificados e calorosos abraços.

Igací, setembro de 2016.

---